
Retratos do cotidiano: o instantâneo fotográfico a partir da Polaroid até o Instagram

Luis Fernando Frandoloso

Fotógrafo pós-graduado em Fotografia Práxis e Discurso Fotográfico - UEL/PR

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens - Universidade Tuiuti
do Paraná

Resumo

O retrato é um gênero imagético que sempre esteve presente desde o surgimento da arte e em seguida com o invento do aparato técnico da câmera fotográfica como meio de representação da realidade. As evoluções tecnológicas implicaram diretamente na obtenção das fotografias, especialmente no que diz respeito às imagens posadas. O presente artigo busca analisar esteticamente e historicamente o retrato fotográfico com o surgimento do instantâneo a partir da câmera Polaroid, até o presente momento com o aplicativo Instagram, usado em dispositivos móveis. Nesse contexto, a partir do momento em que foi possível visualizar e compartilhar as fotografias assim que são produzidas ou realizadas, busca-se identificar quais foram as mudanças estéticas no decorrer da história desses dois períodos do retrato e suas implicações perante a sociedade.

Palavras-chave: Instantâneo. Retrato. Polaroid. Instagram.

1 Introdução

Existem, entre outros, basicamente três tipos de formatos na fotografia. O pequeno formato, conhecido também como o universal, 35 mm (negativo 24x36 mm), o médio formato, 120 mm (quadrado, 6x6 cm ou ligeiramente retangular, 6x4,5 cm, 6x7 cm, 6x9 cm) e o grande formato, chapas (9x12 cm, 13x18 cm, 20x25 cm). O fotógrafo americano Ansel Adams disse em seu primeiro livro da trilogia (A Câmera, O Negativo, A Cópia) que “não há a menor dúvida de que uma câmera de grande formato (4x5 ou 8x10) exige uma forma de ver diferente da proporcionada por uma câmera portátil de 35 mm” (2000, p.19). O fotógrafo, quando fotografa, tem a noção de que o tipo de câmera utilizada é um aspecto relevante e fundamental na obtenção de imagens.

No âmbito do retrato, que segundo BENJAMIN (1994) “ocupa um lugar central nos primórdios da fotografia”, há consequências notáveis decorrentes da utilização de uma câmera de 35 mm, em que o

fotógrafo pode se manter “invisível” em relação a uma câmera técnica de grande formato. No caso da câmera técnica (grande formato) o sujeito fotografado está condicionado, de forma muito notável, pela presença do dispositivo, que segundo Giorgio Agamben “é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações” (AGAMBEN, 2009, p. 15). O que possibilita perceber o tipo de relação que se estabelece entre o fotógrafo e o objeto fotografado. Sobre isso Susan Sontag coloca que “na retórica normal do retrato fotográfico, encarar a câmera significa solenidade, franqueza, o descerramento de essência do tema”. (SONTAG, 2004, p. 50). A temporalidade da fotografia encontra-se substancialmente alterada se utilizarmos para a tomada da foto um ou outro tipo de aparelho, já que não é a mesma captação do *instante fotográfico*. É justamente sobre o instante fotográfico que tentaremos nos concentrar aqui. Em especial o instante do retrato, feito especificamente por câmeras polaróides e pelos aparelhos celulares usando o aplicativo *Instagram*.

Oriunda da pintura, nem sempre a fotografia foi feita de forma tão instantânea, como sabemos através de Peter Burke que “antes da década de 1880, na era da câmera de tripé e exposições de vinte segundos, os fotógrafos compunham as cenas, dizendo onde deveriam se posicionar e como se comportar [...] tanto no estúdio quanto ao ar livre.” (BURKE,

2004, p. 28). Os retratos pintados são, como muitos gêneros, um gênero artístico e compostos de acordo com sistemas de convenções que podem ser alterados com o tempo lentamente, muitas vezes carregados de sentido simbólico. “Nesse sentido, um retrato é uma forma simbólica.” (BURKE, 2004, p. 31). E como forma de simbolismo, principalmente antes de 1900, os retratos pintados geralmente mostravam seus modelos com as melhores roupas ou expressando seu melhor comportamento, conforme pode ser visto na Figura 1. Nesse período o retrato pintado é, antes de mais nada, “um registro do que o sociólogo Erving Goffman descreveu como ‘a apresentação do eu’, um processo no qual o artista e o modelo geralmente se faziam cúmplices.” (BURKE, 2004, p. 32). Algumas dessas convenções permaneceram e se tornaram democráticas na era do retrato de estúdio fotográfico, a partir de meados do século 19.

Pinturas foram muitas vezes comparadas a janelas e espelhos, e descritas de forma constante como refletindo o mundo visível ou da sociedade. Mas sabemos que muitas imagens não são reflexos da realidade, nem mesmo as fotografias o são, num momento em que o termo “realidade” está sendo usado cada vez mais entre aspas. Partindo desse princípio podemos afirmar que as relações com as imagens, em especial agora a fotográfica, mudou socialmente e

esteticamente com o advento dos avanços tecnológicos capazes de produzir imagens antes impossíveis devido às limitações da época.

Figura 1 – Louis XVI



Fonte: Google - imagens

2 Fotografias em um minuto

Por 60 anos, ninguém mais conseguiu o que a *Polaroid* idealizou: fazer uma foto aparecer em suas mãos 60 segundos depois de ter sido tirada. Fundada

em 1937 por Edwin H. Land (1909-1991), a Polaroid Corporation foi uma empresa de fotografia dos Estados Unidos, tornando-se mundialmente conhecida em 1948 devido ao surgimento da primeira câmera instantânea criada por ela. A ideia da fotografia instantânea veio da filha de Land, que questionava porque demorava tanto para ver as fotos das suas férias de verão. Land decidiu realizar todo o processo de desenvolvimento da impressão de um negativo e combiná-lo em uma folha só. Ele fez os dois, impressão e negativo, do mesmo tamanho e incluiu um pacote de produtos químicos que seria ativado quando o filme fosse impresso. No momento em que a fotografia fosse removida da câmera, os químicos se espalhariam uniformemente sobre o negativo para criar a imagem.

Em 1972, foi apresentado o sistema SX-70 (Figura 2), que se transformou no grande objeto de desejo e, aos poucos, notabilizou-se como a câmera que viabilizava algumas experiências imediatas denominadas por muitos usuários como a maior gratificação do processo instantâneo. Entre as décadas de 1950, 60 e 70, a Polaroid foi a mais inovadora empresa de tecnologia na terra. Foi ainda a empresa que Steve Jobs disse ter usado como modelo para criar a Apple, e a comparação é verdadeira. Herói de Jobs, Edwin H. Land, visionário, fez da marca um fenômeno da cultura pop de bilhões de dólares, sendo utilizada

Figura 2 – Primeiro modelo Polaroid SX-70.



Fonte: Google - imagens.

por fotógrafos como *Ansel Adams* – que foi consultor da Polaroid – e artistas como *Andy Warhol*. Estava, assim, aberto o caminho para a fotografia que permitia tornar o presente num momento do passado. Através da fotografia Polaroid foi possível registrar o instante, comentando-o como um acontecimento do passado. Esta capacidade de congelar o tempo, tornando-o num documento imediato, está na origem da criação deste

processo fotográfico. Podemos assumir que a Polaroid e seu processo alternativo criou um novo gênero fotográfico, pois essa imagem instantânea expandiu as possibilidades do fazer e provocou o aparecimento de novas variáveis que enriqueceram e educaram nosso olhar, além das mudanças paradigmáticas na fotografia. Hoje em dia, com a popularização das câmeras digitais, celulares com câmeras e aplicativos como o Instagram e afins, pode até ser mais fácil tirar fotos e ver o resultado na hora. Ver, mas não tocar.

3 O novo instantâneo

O *Instagram* é um aplicativo gratuito para *smartphones* lançado em outubro de 2010 inicialmente apenas para dispositivos iOS e recentemente, em abril de 2012, também para aparelhos Android. Com ele é possível fotografar, escolher filtros e compartilhar o resultado nas redes sociais. Além dos efeitos, é possível seguir outros usuários na própria rede para visualizar, curtir e comentar nas imagens postadas.

A ideia do aplicativo foi baseada no conceito da *Polaroid*. O que estava em jogo não era somente o registro da imagem, mas a relação dessa imagem em outro registro de tempo, o instantâneo. A foto feita na câmera *Polaroid* podia ser vista em 60 segundos. Sinal dos tempos, hoje em dia cresce o número de novos

*gadgets*¹ para consumidores que procuram otimizar tempo e velocidade. E o celular se tornou um dos aparelhos mais significativos, uma vez que seu campo é o das tele-comunicações.

“Diferentemente das imagens fotográficas convencionais, rígidas e resistentes em sua fatalidade figurativa, a imagem eletrônica resulta muito mais elástica, diluível e manipulável como uma massa de modelar”. (MACHADO, 2005, p.315). E ainda Machado nos diz que:

Os novos meios, os novos procedimentos, a nova estética, tudo isso veio para ficar. Eles ampliarão cada vez mais o seu leque de influências, tomarão boa parte dos espaços hoje ocupados pela fotografia tradicional e poderão mesmo vir a provocar uma revolução no conceito de fotografia, à medida que inteligências e sensibilidades cada vez mais sólidas passarem a se ocupar deles em intensidade e profundidade”. (MACHADO, 2005, p.317).

Quando surgiu em 2010, o *Instagram* não tinha como proposta apenas ser mais uma rede social. Ele tinha algo de diferente. A moeda de troca passou a ser exclusivamente a fotografia, com espaço limitado para “o que dizer”. Isso provocou notável exercício de síntese, priorizando o que qualificaria a imagem, em poucas palavras. A imagem falaria pelo fotógrafo. Depois, com filtros que simulam filmes e lentes usados

décadas atrás, algo de *vintage* marcaria o *Instagram*. “Alteram-se não só o modo de fazer, mas especialmente o modo de pensar”. (VICENTE, 2005, p.320).

O *Instagram* possibilitou fazer uma volta ao passado, em tempo presente, recuperando a ideia de Edwin Land, criador da *Polaroid*. A intenção era ter aquele instantâneo postado na rede, através do celular. E uma vez que essa forma era revestida por uma estética datada, o *Instagram* surgiu como o passado atualizado. Um faz de conta que nada mais quer senão reviver o tempo que passou e incorporá-lo agora. Nada de nostálgico e sim contemporâneo, como são luminosas algumas confluências dos tempos de hoje.

Imagens continuam a realizar uma boa dose de carga emocional, mesmo que agora possam ser vistas de forma mais imediata e com mais regularidade. Ainda que as imagens de dispositivos móveis possam certamente funcionar como objetos de comunicação por serem prontamente mostradas e compartilhadas, elas não são menos eficazes como objetos de memória. Como nada acaba, tudo passa por épocas, a foto também passou e está passando por um ciclo. Rádio/TV, cinema/TV, vinil/cassete/CD, publicação impressa/publicação online. Nada aniquilou nada ainda. As coisas naturalmente mudam, vão e voltam, mesmo que adaptadas. Isso é porque, cada um desses

1 Gadget (em inglês: geringonça, dispositivo): é um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano. São comumente chamados de gadgets dispositivos eletrônicos portáteis como PDAs, celulares, smartphones, leitores de MP3, entre outros.

meios tem suas tecnologias próprias; com isso, suas estéticas próprias. As novas tecnologias trouxeram novas oportunidades e certos aspectos da prática fotográfica mudaram com o uso de *smartphones* com câmeras cada vez melhores capazes de produzir imagens satisfatórias em termos de qualidade e velocidade. Nesse aspecto “o advento recente da fotografia eletrônica [...] tem causado grande impacto sobre o conceito tradicional de fotografia e promete daqui para frente introduzir mudanças substanciais tanto na prática quanto no consumo de imagens fotográficas em todas as esferas de utilização”. (MACHADO, 2005, p.310).

No geral, atualmente até certo ponto, pelo menos, dispositivos móveis e suas câmeras estão sendo usados para criar imagens de curta duração dos eventos mundanos, enquanto as câmeras digitais de maior porte e com mais aparatos técnicos são usadas de forma mais profissional. Mas isso não é uma regra, conforme analisaremos a seguir alguns fotógrafos que se utilizaram e outros que ainda utilizam da estética retrô² das câmeras *Polaroid*, bem como do uso de aplicativos como o *Istagram* produzidos por seus potentes *smartphones*. Assim como para

muitos hoje estar com o celular em mãos e poder fotografar tudo como um bloco de anotações, para Henri Cartier-Bresson “a máquina fotográfica é [...] um bloco de esboços, o instrumento da intuição e da espontaneidade, a senhora do instante, que, em termos visuais questiona e decide ao mesmo tempo”. (CARTIER-BRESSON, 2004, p.12).

4 O uso do instantâneo

Nos primórdios do surgimento do dispositivo fotográfico - dispositivo no sentido em que se referia Giorgio Agamben - de “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar” (AGAMBEN, 2009, p. 13), as fotografias não eram instantâneas, mesmo os fotógrafos desejando que fossem. Na época, o desenvolvimento tecnológico não era suficiente para estabelecer tal conquista. Depois do sucesso das câmeras *Polaroid* e seu desaparecimento momentâneo, surge no âmbito do instantâneo duas possíveis “releituras” da estética da imagem com o surgimento da *Lomografia*³ e do *Instagram*. Conforme Carlos Fadon Vicente “esteticamente, a fotografia eletrônica abarca, até o limite de suas viabilidades

2 A palavra retrô deriva do prefixo latino retro, que significa “para trás” ou “em tempos passados” particularmente como visto na forma de palavras retrógradas, o que implica num movimento em direção ao passado, em vez de um progresso em direção ao futuro e, a posteriori, referindo-se um olho crítico ou nostálgico do passado.

3 Lomografia é um movimento fotográfico que utiliza câmeras automáticas de baixo custo. O processo consiste na recepção contínua de luz que é feito através do sistema de exposição automático, chegando a durar 30 segundos. Outro efeito, dependendo do modelo e da lente, é o olho

técnicas, as possibilidades da fotografia convencional e soma as permitidas pela sua própria especificidade”. (VICENTE, 2005, p.327).

Alguns fotógrafos atualmente passaram a usar essa estética retro, gerada pela simplicidade de recursos desses aparelhos, como linguagem de seus trabalhos. Dentre eles, dois dos primeiros a usarem a Polaroid como forma de expressão foram o artista da Pop art⁴ *Andy Warhol* e o fotógrafo Robert Mapplethorpe. O autorretrato foi muitas vezes explorado por ambos, como demonstram as (figuras 3, 4, 5 e 6). Alguns fotógrafos brasileiros, como Cássio Vasconcelos (figuras 7a e 7b), Armando Prado e o fotógrafo e Prof. Dr. Luiz Eduardo Robson Achutti (em seu trabalho *Paris Transfer*) também fazem - ou fizeram - uso em algum momento de suas produções, desse mesmo artefato, na busca de uma identidade visual carregada de simbolismo vintage⁵.

Hoje, o que vale não é mais a questão da instantaneidade, visto que com o advento do fotografia digital podemos ver o resultado da

Figura 3 – Autorretrato - Polaróides de Andy Warhol.



Fonte: Google - imagens.

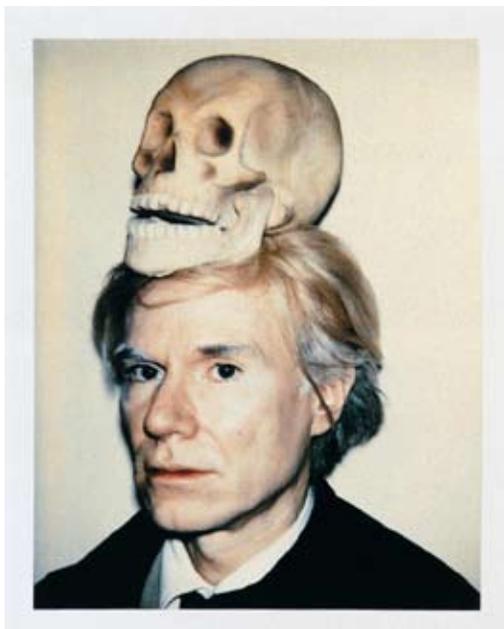
imagem imediatamente. Vale lembrar que a fotografia produzida por uma Polaroid SX-70 é uma peça

de peixe, no qual a fotografia fica com uma moldura circular. O nome é uma referência ao modelo LOMO LC-A, uma câmera compacta da marca LOMO. A LOMO é baseada na Cosina CX-1 e começou a ser produzida em 1980.

4 Pop art (ou Arte pop) é um movimento artístico surgido na década de 50 na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 60 em Nova York. A Pop art propunha que se admitisse a crise da arte que assolava o século XX. Desta maneira pretendia demonstrar com suas obras a massificação da cultura popular capitalista. Procurava a estética das massas, tentando achar a definição do que seria a cultura pop, aproximando-se do que costuma chamar de kitsch. Diz-se que a Pop art é o marco de passagem da modernidade para a pós-modernidade na cultura ocidental.

5 Vintage: em linguagem geral, significa algo antigo e bom, um clássico. O termo vintage foi acolhido também pelo mundo da moda para designar peças que marcam uma época, como roupas ou acessórios.

Figura 4 – Autorretrato - Polaroid de Andy Warhol.



Fonte: Google - imagens

única, positiva, resultado de uma operação técnica sofisticada e instantânea. O uso dos dispositivos móveis junto com aplicativos para “tratamentos” e novas experimentações estéticas e visuais, somado as redes sociais, veio democratizar novamente a fotografia.

Dentre alguns inúmeros fotógrafos que se utilizam do aplicativo *Instagram* para seu trabalho, podemos

Figura 5 – Autorretrato Robert Mapplethorpe.

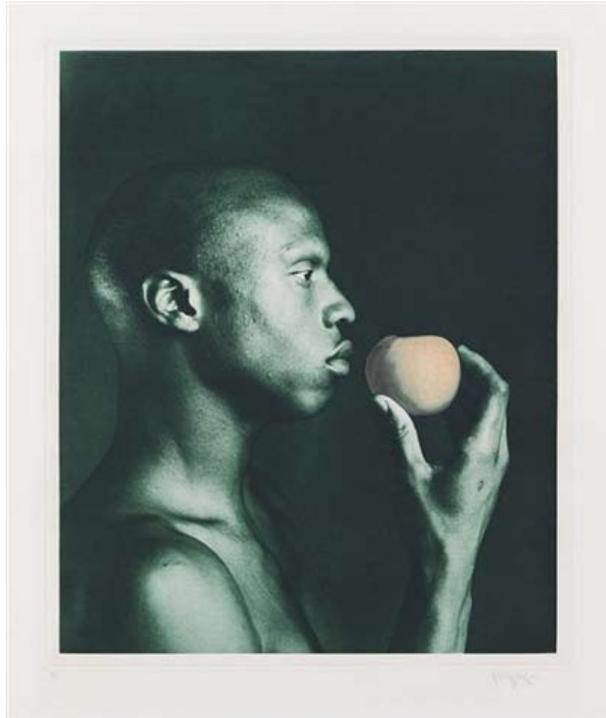


Fonte: <http://whitney.org/Exhibitions/RobertMapplethorpe>.

destacar Gal Opido, radicado em São Paulo, que tem produzido, de forma muito sólida, imagens esteticamente interessantes e reflexivas (Figura 8).

Relembrando sobre as tomadas fotográficas dos primeiros retratos, podemos notar claramente como as evoluções tecnológicas contribuíram para mudanças estéticas significativas na fotografia contemporânea.

Figura 6 – Polaroid de Robert Mapplethorpe

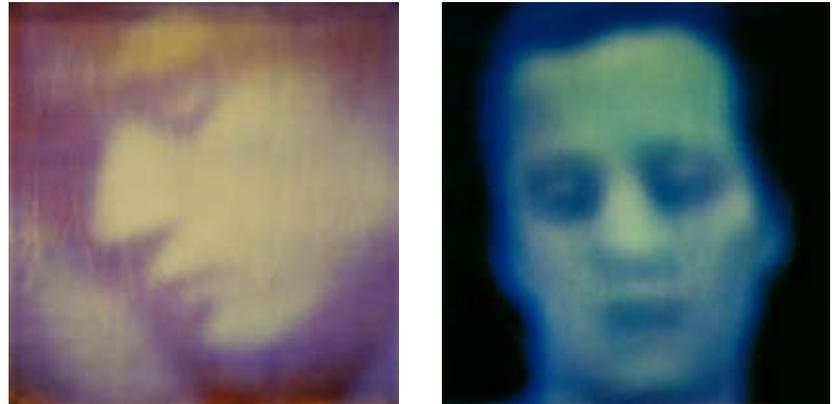


Fonte: <http://www.artnet.com/artists/robert-mapplethorpe/>

Para reforçar tal fato, segue algumas palavras de Roland Barthes quando dizia que:

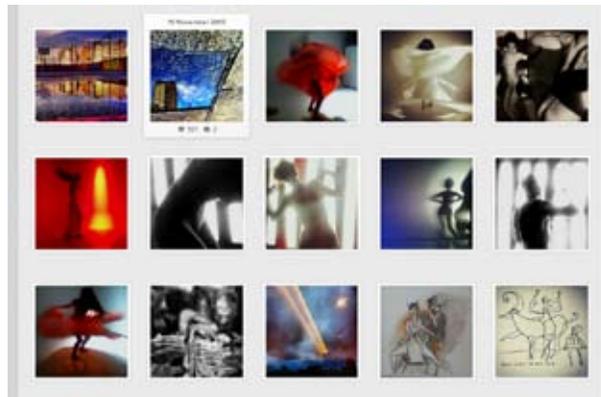
A Fotografia transformava o sujeito em objeto, e até mesmo, se é possível falar assim, em objeto de museu: para fazer os primeiros retratos (em torno de 1840), era preciso submeter o sujeito a longas poses atrás de uma vidraça em pleno sol: tornar-se objeto, isso

Figura 7a - Polaroid Figura 7b - Polaroid



Fonte: <http://www.cassiovasconcelos.com.br/>

Figura 8 – Gal Opido



Fonte: www.instagram.com/galopido

fazia sofrer como uma operação cirúrgica; inventou-se então um aparelho, um apoio para a cabeça, espécie de prótese, invisível para a objetiva, que sustentava e mantinha o corpo em sua passagem para a imobilidade: esse apoio para a cabeça era o soco da estátua que eu ia tornar-me, o espartilho de minha essência imaginária. (BARTHES, 1984, p. 26-7).

Tudo isso deixa de existir a partir do momento em que a sensibilidade dos filmes melhora e o tamanho das câmeras diminui, possibilitando mobilidade e agilidade na captura de imagens. Essas transformações foram representativas ao longo da história da fotografia e do retrato, conforme demonstramos nos exemplos acima.

Considerações Finais

A fotografia Polaroid tem uma materialidade imediata, que se distancia dos processos fotográficos convencionais e a aproxima mais da imagem digital contemporânea, esta sem materialidade, mas também tão rápida que transformou todos, como escreveu Baudelaire no clássico ensaio sobre o *Salão de 1859*, em novos “adoradores do Sol”. Ao contrário da imagem contemporânea produzida e circulada em excesso, a Polaroid sempre teve produção e visibilidade restritas. Uma fotografia que era utilizada para rascunhos e

correção de erros nos grandes estúdios, para redefinir e revisar luzes e enquadramentos e também por artistas e fotógrafos que a viam como um suporte para diversas experimentações.

Com o surgimento da fotografia “móvel” e a possibilidade de compartilhamento em redes sociais, a produção imagética parece ter ganhado força. Desde produções feitas por amadores até mesmo trabalhos jornalísticos, editoriais e autorais estão sendo realizados com frequência por profissionais da imagem que possuem celulares equipados com câmeras e como acesso à rede de internet.

A linguagem estética da fotografia feita com Polaroid e às tomadas com dispositivos móveis e seus aplicativos como o Instagram (entre outros) não diferem muito, visto que o próprio Instagram foi baseado no conceito da Polaroid. Inclusive o formato quadrado se repete em ambos. Enquanto o processo do instantâneo e sua materialidade quase imediata eram fundamental para o sucesso da empresa de Land, a possibilidade de compartilhamento nas redes sociais foi o que tornou o aplicativo Instagram um fenômeno mundial em pouco mais de dois anos. É possível colecionar muitas fotografias atualmente com essas “facilidades”, e segundo Susan Sontag “coleccionar fotos é coleccionar o mundo”. (SONTAG, 2004, p. 13).

Referências

- ADAMS, Ansel. A Câmera. São Paulo: Senac, 2000.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CARTIER-BRESSON, Henri. O imaginário segundo a natureza. Traduzido por Renato Aguiar. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, SL, 2004.
- MACHADO, Arlindo. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VICENTE, Carlos Fadon. Fotografia: a questão da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

Fontes Eletrônicas

- <http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo/135>
- http://www.ehow.com.br/historia-camera-polaroid-sobre_14328/
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Polaroid_Corporation
- http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_instant%C3%A2nea
- <http://www.brainstorm9.com.br/31950/fotografia/livro-conta-a-incrivel-historia-da-polaroid/>